

Friedrich Engels e a ciência contemporânea

Mauro C. B. de Moura, Muniz Ferreira e Ricardo Moreno (orgs.),
Salvador, EDUFBA, 2007, 166 pp.

CAIO N. DE TOLEDO*

Reunindo onze textos e uma *Apresentação*, esse livro trata de diferentes aspectos da obra teórica daquele que foi o mais íntimo amigo e colaborador de Karl Marx. Nessa antologia são examinados temas relativos ao materialismo histórico e da historiografia, crítica da economia política, pensamento militar, materialismo filosófico, etnologia, crítica da religião, classes e movimentos sociais.

Nesta homenagem não deixam de ser ressaltados alguns aspectos problemáticos da produção engelsiana; no entanto, em seu conjunto, o livro busca ressaltar o significado, a originalidade e as qualidades da obra de Engels, em oposição àquelas interpretações que, fora e dentro do marxismo, se dedicam à desqualificação política e teoricamente.

Augusto Buonicore, na *Apresentação*, sintetiza a trajetória intelectual e

política de Engels – a problemática de suas principais obras, sua relação com Marx e a polêmica suscitada pela publicação *post-mortem* do livro *Dialética de natureza* (1925) (doravante, *DN*) – a *bête noire* do marxismo anti-engelsiano. O conciso e elucidativo texto do pesquisador do Cemarx (Unicamp) é uma boa orientação à leitura dos artigos. No limitado espaço desta resenha, comentemos alguns dos temas e ensaios que compõem o livro.

Dois artigos discutem o aporte de Engels ao projeto da Crítica da Economia Política que culminou com *O capital* de K. Marx. Renildo de Souza e Mauro C. B. de Moura, em textos complementares, examinam algumas das interpretações existentes na bibliografia sobre a questão. Contestando as leituras que subestimam ou desqualificam a

* Professor colaborador da Unicamp.

contribuição teórica de Engels, Souza e Castelo Branco julgam que é sempre relevante lembrar o famoso prefácio à *Contribuição para a crítica da economia política*, de 1859, em que Marx faz reconhecimento público pelo “genial esboço de uma crítica das categorias econômicas” apresentado por Engels (como se sabe, o *Esboço da crítica da economia Política*, texto publicado em 1844, foi citado várias vezes em *O Capital* e acabou servindo de subtítulo à obra magna do marxismo).

Inspirador e precursor foi Engels na elaboração do texto de maturidade de Marx. Souza faz um balanço das teses expostas nos primeiros trabalhos de Engels, em particular do *Esboço*; em seu artigo são discutidas algumas das limitações desse texto. Mas, a despeito de seus limites, seriam notáveis os méritos dessa e de outras obras juvenis na formulação madura da crítica da economia Política: a visão geral de que a propriedade privada e o mercado são concebidos (i. é, desmascarados) como eixos fundamentais da Economia Política; a noção de crises periódicas (que questiona a tese da autoregulação do mercado de Smith, Say etc.); a crítica embrionária à naturalização da economia que, na escrita de Marx, se expressou pela distinção entre Economia política científica e Economia vulgar; a tendência de a livre concorrência transformar-se em monopólio etc. Obras posteriores de Engels revelaram que, de forma acurada, ele percebia mudanças importantes na dinâmica do capitalis-

mo – por exemplo, a emergência do capitalismo financeiro (nas suas antecipatórias palavras, a bolsa tornou-se a “representante mais importante da produção capitalista”). Por sua vez, Castelo Branco ressalta os criativos papéis desempenhados por Engels – na editoração da obra de Marx e na discussão e divulgação de teses decisivas da *Crítica da economia política* (expostos em artigos diversos sobre *O Capital*). Entre estas, o definitivo entendimento de que o método de Marx é, a um só tempo, lógico e histórico e a de que a obra de Marx não é precisamente o esclarecimento de “como acontecerão as coisas, senão como não deveriam acontecer (...) (pois nela, CNT), se defende, com diáfana clareza, a necessidade de uma revolução social”. Marx e Engels foram, assim, resolutos companheiros d’armas, não meros colaboradores de causas teóricas.

Olival Freire Jr. e Naomar de Almeida Filho examinam questões relativas às ciências da natureza no século XX. Freire, sem tematizar diretamente o pensamento engelsiano, oferece ao leitor uma informativa “recensão da historiografia (...) relacionada à influência do materialismo dialético nas ciências da natureza, especialmente na antiga URSS, ao longo do século XX”. Algumas páginas também são dedicadas à apresentação da questão da incorporação do materialismo dialético à produção das ciências da natureza nos países do capitalismo ocidental. Lembra a este respeito que a famosa controvérsia sobre a interpretação da mecânica quântica

dividiu os físicos marxistas no Ocidente (no Brasil, o pensador e físico marxista Mário Schemberg – sofisticado participante deste debate – recomendava aos seus pares o conselho de Lênin: “os comunistas devem ler Hegel”). Em seu ensaio, Almeida Filho, apoiado em extensa bibliografia internacional, defende “uma tese simples: a obra de Engels antecipa elementos centrais da teoria da complexidade (...) articulados a abordagens epistemológicas da maior atualidade, posto que só foram sistematizadas na segunda metade do século XX”. Reconhece o autor que sua tese não seria original, pois importantes trabalhos de epistemologia têm destacado que a obra de Engels permitiu uma “antevisão das interpretações mais criativas da atual biologia sistêmica”; de outro lado, obras recentes propõem leituras, em particular da *DN*, que identificam pontos em comum com a teoria do caos ou da complexidade”. Como notável e brilhante pensador, sublinha com frequência o ensaísta, Engels antecipou consistentes formulações epistemológicas contemporâneas – a abordagem contextual-constitutivista; a crítica ao materialismo empiricista; a rejeição do método indutivo (numa clara aceitação do ceticismo humano que anteciparia a teoria do *falsificacionismo* de K. Popper); a historicidade da ciência e a noção de “revolução científica” (tal como T. Kuhn posteriormente designou), a concepção de epidemiologia científica; temas relativos a geologia, biologia; o conceito antropológico de cultura etc. Ressaltemos, no

entanto, que a entusiasmada adesão ao conjunto da obra de Engels por parte do autor, em nenhum momento, permitiu a ele examinar críticas e objeções formuladas a textos engelsianos – particularmente à *DN* –, por renomados intérpretes marxistas.

Em seu artigo, João Quartim de Moraes (JQM) adverte que, “após um século e meio de decisivas descobertas biológicas, arqueológicas, psicológicas, de intensas discussões multidisciplinares (...)”, algumas das idéias de Marx e Engels podem ter envelhecido. Mas não hesita em afirmar que, nem por um instante, “os princípios materialistas em que baseavam (o) esforço crítico” dos dois autores envelheceram. Para comprovar sua tese, examina as concepções de Engels sobre linguagem, consciência e técnica, presentes na *DN*, em especial no tópico “o trabalho como fator da hominização do macaco”. Apoiando-se no (pouco conhecido entre nós, “mas imprescindível”) filósofo marxista Tranc-Duc-Thao, JQM expõe a tese pioneira de Engels sobre o “devir dos homínídeos, em especial a reconstituição hipotética da gênese evolutiva do *homo habilis*, através da sinergia entre mão e cérebro, trabalho e comunicação verbal”. Igualmente, nos trabalhos do marxista vietnamita estaria formulada a hipótese sobre “os primeiros lampejos da consciência, vinculados às situações de trabalho coletivo”. No mais polêmico artigo da coletânea, o ensaísta contesta vigorosamente um conjunto de autores que, dentro e fora do marxismo, buscaram invalidar as contri-

buições teóricas de Engels, sob a alegação de que seu pensamento era reducionista, determinista, positivista-mecanicista e, inclusive, responsável “pela deformação stalinista do marxismo”. N. Tertulian, Gramsci, Sartre e, na marxologia brasileira, J. Arthur Giannotti, são alguns dos autores criticados; Moraes afirma que o anti-engelsismo desses intérpretes tem como conseqüência a invalidação da posição materialista em filosofia. Apenas esboçado, aqui se configura um extenso roteiro de pesquisa sobre as desventuras da marxologia ocidental. Por último, como anexo, JQM apresenta algumas idéias introdutórias sobre o texto *A marca* de F. Engels, publicado de forma inédita, na tradução de Lígia Osório, no nº 17 desta revista.

Engels e a evolução da ciência da guerra no século XIX é o tema discutido pelo historiador Muniz Ferreira. Desde a sua juventude, Engels se preocupou em refletir sobre questões militares; assim, sob o impulso da sua experiência nas milícias revolucionárias do Palatinato (1849), dedicou um estudo à guerra dos camponeses alemães liderada por Thomas Münzer em 1525. Entre 1854-1856, escreveu onze artigos sobre movimentos insurrecionais da Espanha nesse período. No período de 1857-1862, juntamente com Marx, escreveu artigos para publicações militares européias e para a *American Cyclopedia*. Essa extensa quan-

tidade de textos é comentada por Muniz Ferreira a partir de quatro tipos de abordagens conceituais: enfoque histórico na interpretação da evolução do pensamento e prática militares; correlação entre progresso da máquina de guerra e desenvolvimento material da sociedade; influência do condicionamento social na organização e potencial combativo dos exércitos e correlação entre as características individuais das tropas e dos comandantes na performance militar dos exércitos. Em todos estes trabalhos pode-se comprovar o juízo insuspeito – feito por estudiosos fora do campo do marxismo – de que Engels foi um dos mais argutos e eruditos analistas militares de seu tempo. Observa ainda Muniz Ferreira que caberia a este estrategista militar as mais contundentes autocríticas dos “desvios insurrecionais da esquerda socialista do século XIX”; em um prefácio redigido, no ano de sua morte, para a reedição de *A luta de classes em França (1848-1850)*, Engels teria ajustado “contas com toda a tradição da luta socialista revolucionária acumulada ao longo do século XIX”.

Outros ensaios dessa valiosa coleção – nos terrenos da historiografia, da etnologia, da crítica da religião, da discussão das classes sociais e dos movimentos sociais no capitalismo contemporâneo – certamente levarão o leitor a concluir com um dos ensaístas do livro: hoje, impõe-se *(re)ler Engels!*

TOLEDO, Caio Navarro de. Resenha de: MOURA, Mauro C.B. de; FERREIRA, Muniz; MORENO, Ricardo (orgs.). Friedrich Engels e a ciência contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2007, 166 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.175-178.

Palavras-chave: Antologia; Engels; Ciência.